



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: A ESCOLA MODERNA NO BRASIL

Luciana Dantas Sarmento da Silva

Universidade Federal da Paraíba

lucianadss19@yahoo.com.br

Z

Resumo: O presente artigo se propõe a discutir a educação libertária e a implantação da Escola Moderna no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Inicialmente traçamos um breve panorama do perfil político, econômico e social da época. Em seguida fazemos uma explanação a respeito da educação libertária e seus princípios. Por último trazemos o processo de implantação da Escola Moderna em nosso país e analisamos suas publicações periódicas com a finalidade de melhor conhecer esta experiência educativa. Os principais objetivos de nosso estudo são compreender como se deu a educação libertária no Brasil, conhecer a motivação da implantação de Escolas modernas, assim como analisar como se deu esse processo. O estudo nos revelou que a educação libertária trouxe elementos inovadores para a educação. Ousou ir contra todo o pensamento vigente com ideias e práticas que envolviam a libertação através da razão, igualdade entre os homens, e da autogestão. Nos revelou ainda que a Escola Moderna, chegou ao Brasil por meio de esforços que não se limitavam ao proletariado, estrangeiros ou militantes ácratas, mas também de intelectuais, entre outros, que estavam fartos do monopólio da Igreja e do Estado sobre a educação.

Palavras-chave: Escola Libertária, Escola Moderna, Inovação Educacional.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade analisar a prática pedagógica libertária no Brasil no início do século XX. Para tanto, elegemos a Escola Moderna, mais precisamente a de número um para nos debruçarmos, uma vez que a mesma dispunha de publicações periódicas que expunham detalhes importantes para a nossa compreensão sobre a temática. Para o nosso estudo, partimos das seguintes questões: Como se deu a educação libertária no Brasil? O que motivou a implantação de Escolas Modernas em nosso país e como esta ocorreu? A partir destas questões acreditamos estar contribuindo para o alargamento do conhecimento a respeito dessa mentalidade pedagógica.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para melhor compreendermos como se deu a educação libertária no Brasil, faz-se mister conhecer o contexto no qual se deu este processo, por esta razão, em um primeiro momento traçamos um breve apanhado a respeito da política, economia e sociedade da época. Em um segundo momento discutimos a pedagogia libertária enquanto pensamento contra-hegemônico. E por último fazemos uma explanação sobre a Escola Moderna no Brasil, do seu processo de implantação até o seu fechamento, passando por uma breve análise sobre suas publicações “O Boletim da Escola Moderna” e “O Início”.

As décadas iniciais do século XX no Brasil, historicamente foram marcadas por um lado pelo poder da oligarquia, por outro pela inquietação social, perturbações provocadas pelas campanhas presidenciais, alastramento das incursões armadas, lutas reivindicatórias e avanço da indústria. Destacamos nesse período o surgimento de duas novas classes: a burguesia e o proletariado, e unido a isso, o grande fluxo de imigrantes europeus, fatores preponderantes para que o pensamento libertário, por meio das correntes anarquistas e anarcossindicalistas ganhassem espaço no país.

A educação, segundo Saviani (2008), assumia posição central no ideário libertário expressando-se por meio da crítica a educação burguesa, ao mesmo tempo em que formulava suas próprias concepções pedagógicas materializadas na criação de escolas autônomas e autogeridas.

Experiências educacionais com bases libertárias se desenvolveram em várias partes do mundo. No Brasil, o pensamento do educador Francisco Ferrer y Guardia foi a principal influência, ganhando adeptos, de acordo com Ghiraldelli (2001), não apenas nos círculos operários, mas também entre educadores das classes médias militantes do ensino oficial. Ferrer pregava o “ensino racionalista” propondo a educação integral para possibilitar o efetivo desenvolvimento de todas as capacidades do indivíduo, unindo o trabalho manual e o intelectual. Defendendo “a utilização de métodos ativos, a coeducação social e de sexo, e a integração da escola com seu entorno físico e social” (MORAES, RIGHI, SANTOS & CALSAVARA, 2011, p. 126-127).

No início do século XX, a educação brasileira encontrava-se desestruturada. Com a proclamação da República em 1889 e início do regime federativo, a escolarização popular manteve-se sob a responsabilidade das antigas províncias, então transformadas em Estados (SAVIANI, 2008). O regime republicano não representou grandes mudanças, o poder administrativo e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

econômico permaneceu nas mãos de uma pequena elite. O regime federativo descentralizado tornava ainda mais discrepantes as desigualdades entre os Estados.

Segundo Saviani (2008) três mentalidades pedagógicas distintas formaram o cenário das lutas político-pedagógicas na Primeira República: a mentalidade tradicionalista, a liberal, e a cientificista. Cada uma “articula uma concepção geral do homem, do mundo, da vida e da sociedade [...] estruturando-se diferentes concepções filosófico-educativas” (SAVIANI; 2008 p.168). A pedagogia tradicionalista levava aspirações dos intelectuais ligados às oligarquias do governo; a liberal alegava que o estado não tinha doutrina e assim deveria se afastar do âmbito educacional e a cientificista que tinha uma orientação positivista, comungava com a posição liberal e propunha a “desoficialização” do ensino.

Contudo, uma mentalidade pedagógica contra-hegemônica também se desenvolveu, que se vinculava aos intelectuais ligados aos projetos dos movimentos sociais populares. Estes propunham quatro pontos básicos: ajuda econômica às crianças pobres, aberturas de escolas profissionais, melhoria da situação do magistério primário e subvenção às bibliotecas populares.

Os anarquistas atribuíam grande importância à educação, não apenas em seu campo formal, que é a escola institucionalizada, como também em suas demais vertentes, chamada educação informal, realizada pelo conjunto social: o teatro, a imprensa, sindicatos, associações operárias, entre outros. Mas, segundo Gallo (1996), foi com relação a escola que a educação libertária desenvolveu teorias e práticas que obtiveram melhor desempenho.

Completamente dissociada dos interesses das classes dirigentes, a pedagógica libertária buscava direcionar o ensino para a construção de um novo homem e de uma nova sociedade. Para o pensamento libertário, o capitalismo, o Estado e a Igreja reproduziam a velha sociedade que deveria se deposta em nome de uma nova sociedade anarquista-comunista (GIHIRALDELLI, 2001).

Segundo a Pedagogia Libertária, a educação oficial, fosse ela laica ou religiosa, baseava-se no dogmatismo, o que impedia as crianças de poderem pensar de maneira diferente `as conveniências das instituições capitalistas. Combatendo tal sistema educativo, a Pedagogia libertária propôs diretrizes firmadas em quatro pontos: educação “de base científica e racional” no sentido de “retirar da criança interpretações místicas e sobrenaturais”, dicotomia entre instrução e educação, sendo que a educação deveria compreender, de um lado, a “formação da inteligência” e, de outro, a preparação de um ser “moral e fisicamente equilibrado”, “a educação moral, menos teórica do que prática, deveria resultar do exemplo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

da lei natural da solidariedade”, “adaptação do ensino ao nível psicológico das crianças”. (GIHIRALDELLI, 2001 p.23)

Dois aspectos da pedagogia libertária foram difundidos pela imprensa aliada ao movimento operário da Primeira República: a Educação Integral, associada ao anarquista Paul Robim e a Educação Racionalista, ligada as obras de Ferrer. A Educação Integral não logrou êxito em terreno brasileiro, uma vez que não chegou a concretizar-se, diferentemente da Educação Racionalista que deu origem às escolas modernas em São Paulo, Baurú, Rio de Janeiro, Petrópolis, Porto alegre, Belém do Pará e Fortaleza.

Calsavara (2012), assinala que com ideias simples, porém enérgicas, os libertários atacavam os princípios ideológicos dominantes. A luta pela instrução estaria dentro do mesmo contexto de batalhas que se desenvolviam na direção da retomada dos instrumentos de atuação social, há muito monopolizados pelas classes dirigentes. Preservavam a ideia de educação enquanto instrumento de atuação social. A educação assim, ao mesmo tempo em que se mostrava necessária para melhor se reivindicar, era algo pelo qual também se reivindicava. Percebendo que a escola funcionava como foco doutrinador das classes dirigentes, os libertários multiplicavam seus ataques contra o ensino promovido pelo Estado e pela Igreja.

Ainda segundo a autora, o professor, dentro da escola libertária racionalista, não deveria medir consequências ao questionar as grandes verdades apresentadas na escola oficial. Além disso, os educandos deveriam aprender por meio da experiência, dessa forma a educação seria criada pelos próprios e não imposta aos mesmos. Para alcançar tais objetivos, os racionalistas se propunham a pesquisar inclusive dentro da psicologia métodos educativos apropriados, destinavam-se ainda a produzir material pedagógico adequado à sua proposta de educação.

Os principais objetivos de nosso estudo são compreender como se deu a educação libertária no Brasil, conhecer a motivação da implantação de Escolas Modernas, assim como analisar como se deu esse processo. Assim, o estudo justifica-se pela importância em se conhecer essa experiência pedagógica, que pouco tem sido explorada e reconhecida fora da militância ácrata.

METODOLOGIA



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O presente estudo, define-se como sendo de caráter descritivo e analítico. Foram analisados os periódicos: “Boletim da Escola Moderna” Nº 1, de 13 de outubro de 1918, Nº 2, de 18 de março de 1919 e Nº 3, de 4 de 01 de maio de 1919, como também “O Início” Nº 2, de 4 de setembro de 1915 e Nº 3, de 19 de agosto de 1916. Buscamos por meio destes, apreender os princípios norteadores do ensino praticado na Escola Moderna, a metodologia de ensino utilizada, quem eram os patrocinadores do movimento, o número de alunos matriculados, bem como os cursos oferecidos. Os dados foram processados do ponto de vista qualitativo, por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), envolvendo as etapas de pré-análise, descrição analítica e inferência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: A ESCOLA MODERNA NO BRASIL

Ferrer sistematizou os ideais anarquistas e os materializou em sua experiência com a Escola Moderna, fundada na cidade de Barcelona na Espanha no ano de 1901. Embora seja o mais conhecido, de acordo com Marconi (2009), Ferrer não pode ser considerado o pioneiro da Escola Moderna, a autora afirma que o movimento tinha outros representantes, inclusive anteriores a ele. Goldman (2006 apud MARCONI 2009) nos coloca que o educador teria conhecido o movimento em uma fuga para a França. Lá, em uma pequena escola a Escola Moderna havia sido criada por Louise Michel.

No ano de 1909, Ferrer seria morto, executado pelo Estado espanhol sob a acusação de causar tumulto popular. Contudo, seus ideais permaneceram vivos e no mesmo ano de sua morte aconteceu no Brasil, motivados pelo acontecido, diversos comícios organizados pela COB - Confederação Operária Brasileira, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. De acordo com Santos,

[...] Militantes anarquistas e simpatizantes do racionalismo criaram, a partir de então, um Comitê Organizador da Escola Moderna de São Paulo. Esse tinha como finalidade organizar campanhas para angariar fundos para implantação da escola, bem como instalar uma editora de livros escolares, prevendo o aluguel ou compra de uma casa e a constituição do corpo docente (2010, p.28).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O comitê, de acordo com Luizetto (1986 apud Santos, 2010, p.28), contava com “um “guarda-livros” (Leão Aymoré), um “negociante” (José Sanz Duro), dois “industriais” (Dante Ramenzoni e Pedro Lopes), um “artífice” (Tobias Boni) e cinco “jornalistas”, [...] conhecidos militantes anarquistas (Luiz Damiani, Edgard Leuenroth, Eduardo Vassimon, Neno Vasco e Orestes Ristori)”. A variedade de participantes contribuía para que outros círculos, que não somente o de anarquistas, mas, simpatizantes da escola racionalista, cooperassem para a abertura da Escola Moderna.

Na busca por angariar fundos, mais adeptos e colaboradores para a construção da Escola Moderna, Orestes Ristori realiza conferencias de caráter anticlerical, propagandeando os benefícios da escola racionalista que promovia, por meio da ciência, o conhecimento real, em detrimento da educação tradicional, religiosa, que baseava seu conhecimento na metafísica. (SANTOS, 2010).

Diante de tal movimento, a Igreja não se faria indiferente e antes mesmo de sua inauguração a Escola Moderna sofria fortes críticas, como nos mostra o libelo publicado no jornal A Gazeta do Povo em 19/2/1910, citado por Kassick:

[...] todo o mundo já sabe que em São Paulo trata-se de fundar uns institutos para a corrupção do operário, nos moldes da Escola Moderna de Barcelona, o ninho do anarquismo de onde saíram os piores bandidos prontos a impor suas idéias, custasse embora o que custou. Ora, uma tal casa de perversão do povo vai constituir um perigo máximo para São Paulo. E é preciso acrescentar que não somos só nós os católicos que ficaremos expostos a sanha dos irresponsáveis que saíssem da Escola Moderna. Brasileiros e patriotas, havemos todos de sentir o desgosto, uma vez realizados os intuitos da impiedade avançada, de ver insultada a pátria, achincalhadas as nossas autoridades, menosprezadas as nossas tradições de povo livre, por estrangeiros ingratos que abusam do nosso excesso de hospitalidade e tolerância. (...) A Escola Moderna vai pregar a anarquia, estabelecer cursos de filosofia transcendental, discutir a existência de Deus e semear a discórdia... Depois, será a dinamite em ação (2009, p. 10 – grafia original).

Embora negativo, o libelo demonstra a força que o movimento da Escola Moderna vinha adquirindo, ao ponto de a Igreja o percebê-lo enquanto ameaça. Recorrendo às camadas conservadoras, ao mesmo tempo em que o combatia, a Igreja reforçava e propagava e o caráter revolucionário do movimento.

No dia 13 de maio do ano de 1912 foi inaugurada na cidade de São Paulo, no bairro Belenzinho a Escola Moderna Nº 1. O escolhido para assumir o cargo da direção foi João Penteado



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que, de acordo com Romani (2006 apud SANTOS, 2010, p.30) “era o educador paulista que mais estudou a obra pedagógica de Ferrer”, além disso, “tinha experiência em lecionar em diferentes colégios; desenvolvia um estudo com base no anarco-comunismo e também no racionalismo de Ferrer, tinha contato direto com os trabalhadores pelo Centro operário”, sendo assim a melhor escolha na opinião do Comitê Organizador.

Podemos dizer que os documentos que melhor traduzem o movimento da Escola Moderna são os periódicos produzidos por seus militantes e educandos na época. Assim, Escola Moderna Nº 1 produzia publicações intituladas: Boletim da Escola Moderna (igualmente ao de Barcelona), dirigido por Penteadó, trazendo artigos seus e de diversos outros militantes; e “O Início”, escrito pelos próprios alunos. Neles percebemos os princípios norteadores, a metodologia de ensino, os patrocinadores do movimento, número de alunos (inclusive seus nomes), cursos oferecidos, festejos realizados, enfim, tais publicações se configuram como documentos de grande importância para aqueles que se dedicam ao estudo do movimento educacional libertário no Brasil.

A primeira edição do “Boletim da Escola Moderna” ocorre somente em 13/10/1918, seis anos e meio após a inauguração da escola. O boletim não serviria apenas à exposição das atividades desenvolvidas na escola moderna, como também a propagação dos ideais racionalistas. Nesta mesma edição, Adelino de Pinho faz duras críticas a educação promovida até então, acusando-a de manipuladora das massas e empecilho do progresso.

A Escola com raras exceções, até aqui, tem sido um instrumento de exploração religiosa, dirigida, protegida e inspirada por padres, frades e caterva de ambos os sexos, com o intuito evidente de corromper o espírito da humanidade de desviá-lo do caminho do progresso, sustentando indefinidamente o domínio dessas chagas daninhas que são verdadeiras peias moraes e intellectuais para a marcha ascendente do progresso. Este methodo escolar vigorou único, sem concorrênciade algum outro durante seculos e todas as seitas religiosas aproveitaram o chavão da instrução para chamariz das massas, e como instrumento para inculcarem, no espírito das mesmas, aqullas fórmulas próprias a manterem o estado social que as castas directoras apeteçiam (BOLETIM DA ESCOLA MODERNA, 1918, p.3 – grafia original).

Nesta época a escola contava com 81 alunos ao todo, 64 em cursos preliminares diurnos e noturnos e 16 nos cursos de português, aritmética e datilografia. Dessa forma, a escola atendia a meninos e meninas, homens e mulheres, e como não poderia ser diferente, além da coeducação



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

entre os sexos, educação de crianças, jovens e adultos, a Escola Moderna também não fazia distinção de raça. Em fotografia pudemos constatar diversas crianças negras dividindo a mesma educação que crianças brancas, o que era uma grande novidade para época. Embora a coeducação de raças fosse algo inovador e completamente diferenciado do modelo educativo vigente na época, este fato não era destacado pelo movimento ou mesmo uma bandeira defendida, era sim um fato naturalizado. Uma vez que se acreditava e se pregava a igualdade entre os homens, os mesmos não poderiam ser diferenciados pela cor de sua pele, não havia negros ou brancos, mas sim homens, mulheres e crianças.

A publicação “O Início”, escrita em sua maior parte pelos próprios educandos da Escola Moderna, contava com: uma breve apresentação, descrição dos eventos realizados e seus colaboradores, as seções de exercícios escolares, epistolares, exercícios vários (descrições feitas pelos alunos), como também os nomes dos alunos matriculados, os nomes dos colaboradores financeiros para a realização da publicação e o balancete do apurado com os festejos.

Tivemos acesso à apenas dois exemplares de “O Início”, o segundo de 4 de setembro de 1915 e o terceiro de 19 de agosto de 1916. A publicação que deveria ser mensal não pôde sê-lo por questões orçamentárias como explica a Redação: “[...] a culpa da demora não é nossa. É ainda uma das consequências da crise, que tudo estraga nestes tempos. [...] O Início apesar de sério, é um jornal de crianças, e as crianças, como é sabido não têm dinheiro para muita coisa” (O INÍCIO nº3, 1916, p.1 – grafia original).

Pela descrição do festejo mencionado na segunda edição, percebemos que, como na proposta de Ferrer de garantir a presença da família na escola por meio de eventos que seriam também educativos, a Escola Moderna Nº 1 realizava suas festas, nas quais as crianças se apresentavam em coro, cantando hinos: Canto dos Operários, As Criancinhas, A Mulher, A Força, A Instrução; que, por suas denominações percebemos seu caráter ideológico. Apresentavam-se também através do teatro e do recital de poemas. Ao final das apresentações, na festa descrita, o professor Adelino Pinho, da Escola Moderna Nº 2 assume o papel de conferencista. Dessa forma, notamos haver interação entre as escolas, até mesmo por haver nesta segunda edição anúncios propagando a Escola Moderna Nº 2, situada no Braz, e Escola Nova, situada na Mooca.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nas seções de exercícios também notamos detalhes importantes, como na descrição feita pelo aluno Nilo Leuenroth, de 11 anos:

Ontem quando fui visitá-lo, deixei atrás da porta da sala de visitas, o meu guarda-sol. Ele é de qualidade superior, de seda preta, com o cabo de prata, tendo em cima dois anéis de ouro. Peço-lhe o favor de m'o guardar até que lá vá busca-lo./Subscrevo-me com estima e consideração, agradecido./Seu amigo./(O INÍCIO n°3, 1916, p.3 – grafia original)

Por meio deste exercício epistolar podemos perceber que o aluno pertence a uma classe social mais elevada, destacamos então que, como na escola de Barcelona, a coeducação social apregoada por Ferrer era realizada na Escola Moderna N°1.

Os exercícios descritivos eram também uma forma de valorizar o concreto, o observável, afastando-se cada vez mais do ensino religioso baseado no mítico e aproximando-se cada vez mais do científico.

Eu vejo na sala de aula duas mesas, um relógio, cinco bancos, um armário, um quadro negro, três cadeiras, três quadros, três folhinhas, um pote, três malinhas, cinco portas, uma tra nca, três janelas, duas lampadas, treze chapéus, um cabide. /S. Paulo, 19 de agosto de 1916. / José Cardoso (12 anos). (O INÍCIO n°3, 1916, p.2 – grafia original)

Dentro da educação racionalista, como já mencionado anteriormente nenhum assunto deveria ser omitido, tudo poderia ser questionado e discutido. E no ano de 1916 o mundo atravessava sua primeira grande guerra, tal tema não poderia passar despercebido, como vemos na exposição do aluno João Bonilha de 16 anos:

A Guerra Europea

Um destes dias conversava eu com um dos meus amigos sobre a guerra e ele me perguntou:

- Qual é a sua opinião sobre esta guerra infernal?

- Eu, meu querido amigo, que queres que eu te diga? O meu desejo é, em primeiro lugar, acabar com esses governadores, imperadores, reis, e finalmente com os burgueses de todas as classes, que são os causadores desta monstruosa catástrofe, na qual tantas pessoas inocentes morrem deixando suas famílias num mar de tristeza e desconsoações, como por exemplo acontece as famílias desses que foram d'aqui para aquelle tremendo matadouro. Deixaram aqui mulheres e filhos na mais espantosa das misérias. E porque? Para que? Para defenderem o que? – Nada!...Sómente para morrerem como cães naquele matadouro infernal, onde secumbem milhares e milhares de seres humanos por causa desses vagabundos de que já te falei. É esta é minha opinião. / São Paulo, 9 de agosto de 1916. (O INÍCIO n°3, 1916, p.3 – grafia original).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O educando é claro em declarar sua posição contrária não somente a guerra, mas ao sistema político e econômico vigente. Contudo, não podemos afirmar com certeza se seu posicionamento se dá pelos conhecimentos adquiridos em seu processo de escolarização ou se por suas vivências pessoais, mas o fato é que podemos destacar a liberdade com a qual os educandos expressam suas opiniões, liberdade que, em tal época, apenas uma educação de princípios libertários permitiria.

A Escola Moderna N° 1 permaneceu funcionando até o ano de 1919, e por motivos semelhantes a escola de Barcelona, acabou sendo fechada. Uma explosão em uma casa matou quatro anarquistas, entre eles o diretor da Escola Moderna de São Caetano. O acidente teria sido provocado pela manipulação inadequada de materiais explosivos (LUIZETTO, 1986 apud SANTOS, 2010).

Logo o Estado tratou de encerrar as atividades das Escolas Modernas, associando-as diretamente aos movimentos de greve que vinham ocorrendo e aos atentados ocorridos contra fábricas e empresas. Em 19 de novembro de 1919, João Penteado recebe a ordem do Diretor Geral da Instrução Pública de São Paulo, Oscar Thompson, de proibição de funcionamento sob penalidade da lei. Ordenando não somente o fechamento da Escola Moderna N°1, como também da N°2.

Contudo, ao contrário do que imaginamos, os arquivos pessoais e escolares de João Penteado, pesquisados por Moraes, Righ, Santos e Calsavara (2011), permitem analisar a continuidade da experiência anarquista brasileira em educação para além dos anos de 1920. Siva (2011, p. 99) nos coloca que foram inúmeras as experiências brasileiras com escolas libertárias, “até 1925 foram criadas no Brasil, e não só nas regiões mais industrializadas, 40 escolas libertárias”. Sendo assim, podemos afirmar que o fechamento das Escolas Modernas não significou o fim imediato do movimento pedagógico libertário.

CONCLUSÕES

A Escola Moderna, materialização da educação libertária, chegou ao Brasil por meio de esforços que não se limitavam ao proletariado, estrangeiros ou militantes ácratas, mas que também advinha de intelectuais, entre outros, que estavam fartos do monopólio da Igreja e do Estado sobre a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

educação. Educação esta, limitada aos interesses destas classes dominantes e presa aos mitos e crenças religiosas que impediam sua evolução.

A educação libertária trouxe elementos inovadores para a educação. Ousou ir contra todo o pensamento vigente com ideias e práticas que envolviam a libertação através da razão, igualdade entre os homens, e da autogestão. Lutou contra o poder das duas grandes forças atuantes na época: o Estado e a Igreja, atacando e sendo atacada. Mas o que levou ao fim experiências? Ao longo de nosso estudo percebemos que o fato se deu por uma soma de fatores, que vão de questões financeiras, à coerção da Igreja e do Estado.

Nagle (1976), aponta que, no caso brasileiro um fator preponderante para a inibição das práticas pedagógicas libertárias tenha sido a campanha nacionalista, na qual o Estado passou a atuar de forma intolerante a qualquer manifestação estrangeira, coibindo qualquer tipo de experiência realizada ou idealizada pelos mesmos.

Acreditamos que a “demonização” do termo “anarquista” também tenha contribuído para que a educação libertária não lograsse o êxito merecido. Como o próprio autor comenta, e já mencionamos anteriormente, o anarquismo estava popularmente associados a manifestações, desordem, bagunça. Destacava-se no senso comum mais por estas características do que por seus princípios, de igualdade e liberdade. Dessa forma o anarquismo se popularizou por uma conotação negativa que não correspondia a sua verdadeira essência.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOLETIM DA ESCOLA MODERNA. São Paulo. nº 1 de 13 de outubro de 1918, nº 2 de 18 de março de 1919 e nº 3 e 4 de 01 de maio de 1919. Disponível em

<http://bibliotecaterralivre.noblogs.org/biblioteca-virtual/jornais/> . Data de acesso: 10/07/2013.

CALSAVARA, Tatiana da Silva. **Os Anarquistas e a Educação: as Escolas Modernas ou Racionalistas**. 2012. Disponível em: <https://we.riseup.net/educacaolibertaria/calsavara-tatiana-da-silva-os+167>. Acesso em 21/07/2013.

GALLO, Silvio. O Paradigma Anarquista em Educação. Artigo publicado em Nuances - Revista do Curso de Pedagogia, Presidente Prudente: FCT UNESP, nº 2, 1996.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

GHIRALDELLI Júnior, Prado. **História da educação**. São Paulo: Cortez, - 2ª ed. revisada. 2001.(Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor)

KASSICK, Clovis Nicanor. Pedagogia Libertária na História da Educação Brasileira. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, n.32, p.136-149, dez.2008. Disponível em: www.histedbr.fae.unicamp.br. Acesso em 20/07/2013.

MARCONI, Juliana Guedes dos Santos. **La Escuela Moderna de Barcelona: experiência espanhola em educação libertária**. Disponível em: www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/.../files/EbwYRacV.doc. Acesso em 21/07/2013.

MORAES, C. S. V., RIGHI, D., SANTOS, L. & CALSAVARA, T. Inventário de Fontes das Escolas Dirigidas pelo Educador Anarquista João Penteadado (1912 a 1961): dimensão pedagógica e contribuição para a história e relação trabalho e educação no Brasil. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas-SP, v. 11, n. 1 (25), p. 117-142, jan./abr. 2011.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária / Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

O INÍCIO. São Paulo. nº 2 de 4 de setembro de 1915 e nº 3 de 19 de agosto de 1916. Disponível em <http://bibliotecaterralivre.noblogs.org/biblioteca-virtual/jornais/> . Data de acesso: 10/07/2013.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 19ª Edição. Vozes – Petrópolis, 1997.

SANTOS, Maíra Moraes dos. **Educação Libertária nas Primeiras Décadas do Século XX em São Paulo: uma ponte para as utopias anarquistas**. São Paulo, 2010. Trabalho de Conclusão do Curso de Sociologia e Política da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 63 p.20.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. – 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, Doris Accioly. **Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 32, n. 114, p. 87-102, jan.-mar. 2011.